

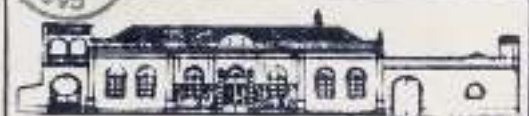
Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Como Se Vivia no Século XVIII

Vitor Sousa Lopes

Assunto: Sociedade

História, nº 39 Janeiro



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca

Livro n. 1383 Cota n. 452

Iconografia setecentista em azulejos

Como se vivia no século XVIII

Vítor Sousa Lopes

As épocas históricas portuguesas, o século XVIII foi, sem dúvida, a mais faustosa. Neste trabalho vamos dar uma panorâmica dos aspectos essenciais do que foi o quotidiano em Portugal, tomando à partida como base a capital do País, onde se trata a sua vida e os seus costumes durante a época de setecentos, procurando, quanto possível, reconstituir o modo de viver de então. A par de outras actividades decorativas, o azulejo, esse quadrinho de barro esmaltado, conta-nos, através da sua história, os factos relevantes e singulares de um povo cheio de tradições e costumes.

Integrado nos edifícios, o azulejo era, de facto, o grande e quase exclusivo elemento decorativo da arquitectura setecentista.irma o prof. Vergílio Correia: «Por toda a parte o azulejo se estendeva luzente e acolhedor, colgando ou alegrando os muros, reestendendo os interiores sagrados e profanos, prestando viveza aos edifícios, de si pesados e frios, imprimindo um carácter próprio às construções portuguesas» (1).

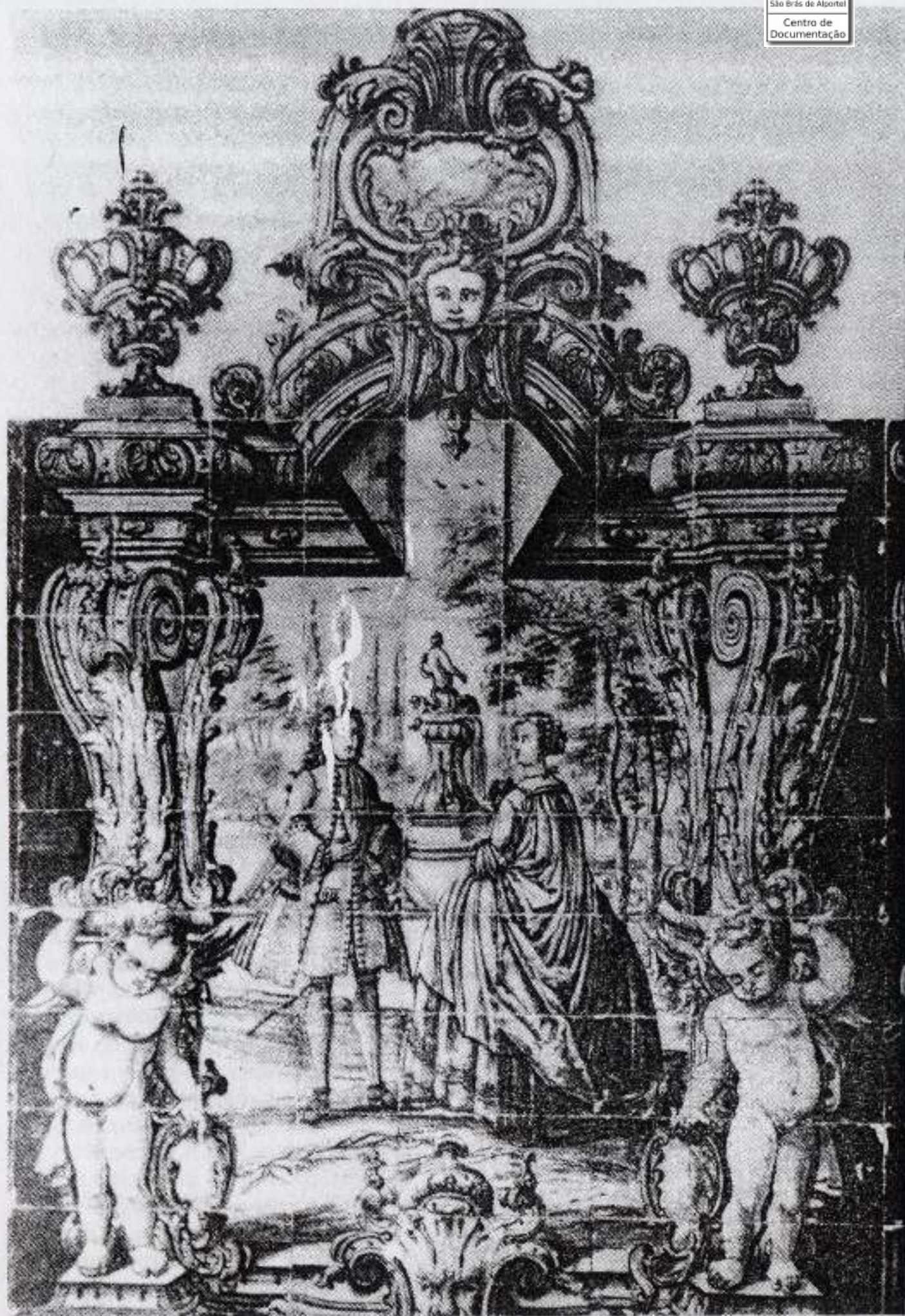
O gosto pela azulejaria e o trabalho da mão dourada foram ainda mais cuidados na liberdade liberta da ostentação do barroco, que se patenteou desde meados do século XVII até fins de setecentos, numa atitude contrária aos modelos clássicos.

Os azulejos que retratam o quotidiano setecentista são um dos mais vastos repositórios de azulejaria portuguesa. Sendo o azulejo, no dizer do especialista Eng.º Santos Nunes, «adjectivo específico da arquitectura nacional» (2) e, segundo Reynaldo dos Santos, «um dos mais originais aspectos das

artes decorativas em Portugal» (3), é altamente importante a colecção azulejar da capital desta centúria, para compreendermos melhor e procurarmos saber como eram as habitações, como viajavam os fidalgos nas ruas da cidade, formas de trabalho do povo, como era constituído o vestuário da época, e outros aspectos que relatam desde a fantasia ao rigor, a variedade à continuidade do que foi o período mais faustoso português.

Durante o século XVIII, muitos milhares de portugueses emigraram para o Brasil, então pertença da coroa portuguesa, dedicando-se aí à agricultura e, principalmente, ao comércio. Muitos regressaram trazendo avultadas riquezas que aplicavam na construção de habitações, em geral, de boa arquitectura e, por via de regra, construídas de bons materiais.

Com a vinda do ouro do Brasil, Portugal encheu-se de riqueza. Vieram mestres estrangeiros de todas as artes que construíram



Trajos da nobreza. Azulejo do século XVIII. (Palácio do Machadinho), Lisboa

maravilhas que hoje ainda se podem admirar. Os reinados de D. João V e D. José foram dos melhores que o País desfrutou na arquitectura, na pintura e na escultura, porque estas, não exprimindo pensamentos concretos, estiveram passivamente ao serviço das ideias predominantes. Talvez para atenuar as suas culpas perante o Supremo Juiz, o Rei «Magnânimo» espalhou igrejas e conventos por todo o território português, restaurou e construiu edifícios antigos, deixando o seu nome ligado a duas obras monumentais: O Convento de Mafra e o Aqueduto das Águas Livres (4).

Se D. João V construiu, acima de tudo, para agradar à igreja, o marquês de Pombal, ministro de D. José, compelido pelas circunstâncias do terramoto, teve de encarar a Arquitectura por um prisma mais utilitário, fazendo de Lisboa após a hetacombe, a cidade mais nobre da Europa (5).

Ambos deram origem a um estilo, se não inteiramente original, pelo menos, de carácter bastante acentuado: o *Joanino* e o *Pombalino*.

O início do reinado de D. João V não atingiu logo a personalidade artística das artes decorativas «... o século XVIII na arte começou em 1720, na cerâmica, como em outras artes decorativas.» (6).

No reinado de D. José o estilo predominante foram as formas do «rocaille», atingindo o azulejo, no último quartel do século XVIII (reinado de D. Maria I), o gosto do neoclássico.

De certo modo, alguma coisa de proveitoso aprenderemos em observar o que foi a vida quotidiana em Portugal na era de setecentos vista pelos azulejos, os elementos da época que trouxeram maior esplendor às artes decorativas portuguesas.

No século XVIII, as comunicações eram deficientes. As estradas começaram a surgir. Os principais «correios» da época eram ainda os *almocreves*. O serviço para o envio de cartas então em funcionamento, era feito por «correios» a cavalo, que não satisfazia pela demora com que as entregas se faziam.

Com a construção de uma estrada de Lisboa a Coimbra, no final do século, ensaiou-

se o primeiro serviço de *mala-posta*, ou seja o transporte de correio em carruagens. O rio e o mar continuaram a ser as melhores vias de comunicação. O rio Douro era, então, óptima via de comunicação com a região montanhosa do interior.

Tal como nos séculos anteriores, os principais meios de transporte durante o século XVIII continuavam a ser os barcos. Na costa marítima, utilizavam-se *barcas*. Entre continente e os territórios insulares e ultramarino, os transportes eram efectuados em *barcas, naus* e *caravelas*. Para o estrangeiro o método era o mesmo. Navegava-se a remo ou à vela.

Raramente a maior parte das pessoas saíam da sua terra. As que tinham necessidade de se deslocar de um lado para o outro podiam utilizar a *diligência*, nos percursos em que havia acessos. Mas, vulgarmente, o transporte era feito a cavalo ou em *litera* (7), por caminhos de pavimento irregular e por vezes pouco seguros.

Nas ruas das principais cidades, as pessoas de maior nível social deslocavam-se em *coches* (8), *carruagens de aluguer* ou em *leiras*.

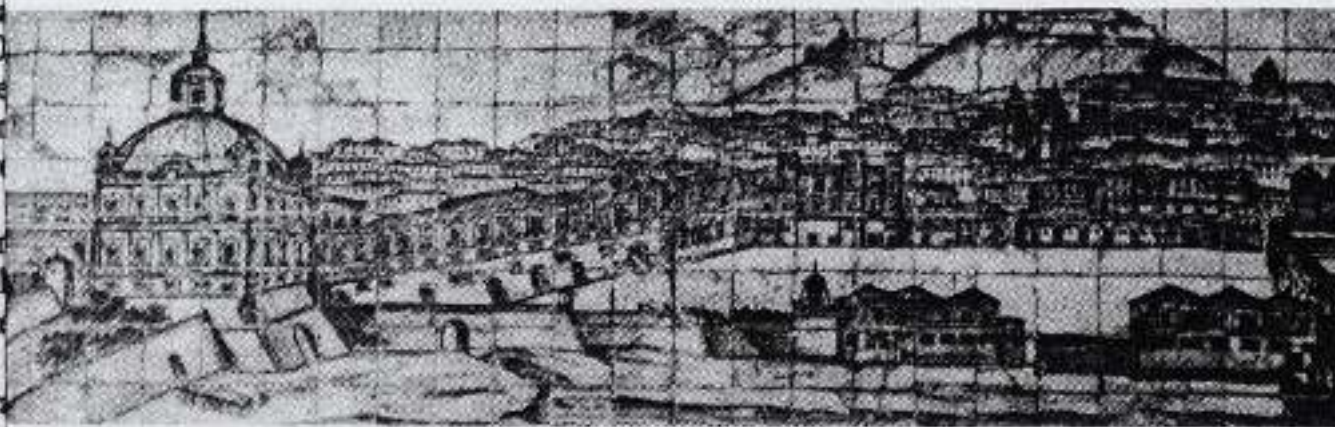
No respeitante à habitação, nas principais povoações, as casas, mesmo as da classe popular, começaram, no século XVIII, a ser construídas de pedra e cal, com a cobertura de telha.

A classe burguesa (9) possuía luxuosas moradias a que lhes davam o nome de *palacetes*. Os fidalgos habitavam enormes *palácios* e *solares*.

O mobiliário sofreu grandes aperfeiçoamentos: as camas tinham dossel, as arcazes eram ornamentadas. As paredes interiores das casas eram cobertas com grandes e ricas tapeçarias.

Em relação aos séculos anteriores, a alimentação sofreu, de uma maneira geral, uma considerável melhoria. Os principais alimentos vegetais utilizados no século XVIII foram o milho, o feijão, o trigo, o arroz e a batata. Os fidalgos e os burgueses tinham como se compreende, uma alimentação mais variada que os camponeses.

As populações do litoral tinham abun-



Grande vista de Lisboa antes do terramoto. Azulejo do século XVIII. (Museu do Azulejo), Lisboa



Retrato de D. João V. Azulejo Setecentista (Convento de S. Vicente de Fora), Lisboa

Azulejos de figura avulsa do século XVIII. (Quinta das Aguias)



...ncia de peixe fresco. As do interior, dispu-
...am de peixe salgado, transportado por al-
...creves. Tanto no campo como na cidade,
...carne que se comia era, geralmente, de
...arco, que era bastante cara.

Com o aparecimento no final do século
...louça de porcelana, a faca, o garfo e a co-
...er, o costume de comer com os dedos ia, a
...pouco e pouco, desaparecendo.

Pelo seu particular interesse para a histó-
...a do garfo em Portugal, a figura 12, repre-
...ta uma cena de sala de jantar fidalga, do

século XVIII, onde seis das nove figuras
postadas em redor da mesa, estão interessa-
das em garfos; e vale a pena observar detida-
mente as expressões pasmadas da dama que
ocupa o centro do painel e do cavalheiro
sentado à sua direita. Quase no extremo di-
reito do painel (à esquerda do observador,
portanto), dois cavalheiros comentam o es-
pectáculo: um de braço estendido, aponta os
maravilhosos utensílios e convida o amigo a
compartilhar da refeição; o outro, polida-
mente, esboça um gesto de recusa, talvez

Iconografia setecentista

receoso de comprometer a integridade dentária (...). O painel policromo (azul, amarelo, castanho, cor de vinho e verde, sobre fundo branco), do terceiro quartel do século XVIII, é formado de 27 azulejos no sentido horizontal e 8 no vertical, totalizando 216 azulejos.

Sobre o vestuário, os fidalgos usavam casacos bordados, camisas com punhos de renda, calças largas atadas abaixo dos joelhos e meias justas à perna e sapatos de five-la, como agasalho, utilizavam capas de lã forradas de seda. Nessa época, era costume usarem-se grandes cabeleiras postiças com cabelo encaracolado que pendia sobre os ombros. As damas trajavam vestidas com grandes saias de balão e corpetes justos ao corpo. Raramente usavam chapéus, pois o penteado alto era moda corrente.

O povo trajava, nas cidades, imitando o dos nobres, muito embora a qualidade do tecido fosse inferior. No campo os homens usavam camisa, jaleca ou colete e calças justas. As mulheres, saia comprida, blusa e corpete.

No âmbito dos combustíveis, além dos já usados em épocas anteriores, deu-se a partir da segunda metade do século início à exploração do *carvão de pedra*, utilizado para fins industriais. A cidade de Lisboa era iluminada por candeeiros de azeite.

Nesta época, o dia de trabalho ia desde o nascer do Sol até ao anoitecer, com um pequeno descanso na hora do jantar.

Com a ida de emigrantes para o Brasil, grande parte dos produtos agrícolas eram importados do estrangeiro ou dos territórios ultramarinos.

A *Indústria*, porém, desenvolveu-se consideravelmente, e os operários transferiram-se, em grande parte, das oficinas para as fábricas.

A actividade mais próspera desse século, foi, no entanto, o *comércio*. Exportavam-se para o estrangeiro muitos produtos, tanto vindos do interior do continente e ilhas, como das províncias ultramarinas, principalmente do Brasil.

O azulejo do século XVIII foi, em geral, azul e branco, tornando-se essencial o pro-

blema dos temas nas transformações evolutivas do azulejo setecentista, dentro da monocromia das tonalidades azuis. Os azulejos de figura avulsa, frequentes ao longo do século, foram os exemplares que, de um modo fresco e jovial, deram uma nota dominante e popular das figuras que caracterizaram a época. O tema de cada azulejo tem um motivo independente em cada ladrilho, mostrando a mulher caseira e diligente fiando na roca as estrigas de linho para o novo bragal; o barqueiro deslocando o bote, ao impulso da vara, em corrente plácida; o caçador ágil perseguindo a caça; a mulher das classes baixas com o tronco oculto sob as capinhas, mantas e mantilhas; os meios de transporte, os objectos indicadores da sua actividade; as casas simples ou senhoriais; as embarcações embandeiradas que faziam a rota gloriosa; as barcas que se aventuram à pesca no mar alto, ou que nas correntes fluviais navegam, à vela, à vara e à sirga, e todo um pormenor, ainda que ligeiro, mas suficiente para afirmar a sinceridade da sua fé.

Descrito fica em síntese o depoimento que nos legaram alguns ceramistas sobre a sociedade que lhes foi contemporânea e através do qual ela revive na sua existência íntima ou na sua flagrante exteriorização.

A cidade e o povo

Em Lisboa a maioria da população era de pescadores. A cidade era de grande trato comercial, havendo no seu porto sempre muitos navios mercantes de diversos países. Era também muito populosa, concorrendo então ali gente de todas as nações e, principalmente, grande quantidade de mouros e berberes, que serviam de escravos. Nas ruas viviam-se mais liteiras do que seges, bem como cadeirinhas e, como a cidade era por si acidentada, o serviço de cavalos e mulas era usado por muita gente.

«Lisboa vivia na rua, em grande algazarra... Os estrangeiros ficavam ensurdecidos com os carrilhões das igrejas, o uivar dos cães, o zurrar dos burros, as campainhas das



cenas de trabalho do povo. (Convento de S. Vicente de Fora). Lisboa

olu-
mo-
lejos
o sé-
modo
ite e
m a
mo-
nos-
ando
bra-
im-
taça-
das
s cas-
s de
sua
s; as
m a
um á
; flu-
e to-
s su-
a fé.

ento
ore a
ea e
ência
o.

ra de
o co-
mui-
Eras,
) en-
ipal-
ber-
ruas
n co-
or si
s era
azar-
cidos
r dos
is das

cabras e o guiso das mulas, os mil pregões cantados dos vendedores ambulantes, o ranger das rodas pelas calçadas, o bater dos martelos nas bigornas, nas quilhas dos barcos ou nos eixos dos carros (...) (10).

O trabalho na cidade distribuía-se pelos homens que andavam à beira do rio a carregar e a descarregar fardos, as saloias que traziam a fruta para venderem no mercado, os muiçalgos a distribuir os barris de água às casas, as pretas que vendiam mexilhão e a típica figura do preto caiador que trazia um grande chapéu de dois bicos e um pote de berbal. Havia ainda os homens dos ofícios, os pequenos comerciantes, os camponeses e os criados.

As gentes do povo trajavam de maneira diversa conforme os ofícios que tinham, mas de um modo geral, as mulheres usavam saia comprida e rodada, avental, coletinho e sobre os ombros, uma espécie de lenço branco (11), ou uma touca na cabeça ou um grande chapéu. Também era vulgar nas mulheres, o uso do capote e o lenço.

Os homens vulgarmente traziam calções, grande casaco cintado, capote para o frio, botas, polainas e chapéu tricórnio. Segundo o testemunho de um padre sueco que visitou Lisboa no século XVIII: «Nas classes inferiores quer de Verão quer de Inverno, os homens não mudavam nunca o capote, usado até pelos pobres miseráveis. Os operários e jornaleiros, que nos dias de trabalho raras vezes traziam casaco, lançando aos ombros o capote e pondo um chapéu tricórnio (12), consideravam-se assim vestidos. Os carreiros, os burriqueiros e gentes parecidas, que em virtude das suas ocupações não podiam usar trajos durante a semana, apareciam nos dias santificados com grandes capotes...».

A alimentação do povo baseava-se fundamentalmente no bacalhau, na sardinha, no feijão, arroz e em alguma carne. Na rua a gente modesta divertia-se com os saltibancos, que por vezes apareciam acompanhados de um urso óu macaco com casaca vermelha e chapéu de plumas, ou com uma espé-

cie de teatro de fantoches, que fazia rir toda a gente. Havia ainda o «teatro de cordel», que se baseava em pequenas peças escritas em «folhinhas», que as pessoas liam nas ruas ou à noite em casa, à luz da candeia ou dos canteiros de latão. Outro dos divertimentos muito apreciados pelo povo era a dança. Bailava-se o «fandango», a «chegança» e outras modas.

No Terreiro do Paço, por altura da aclamação da rainha D. Maria I, realizavam-se inúmeras festas. Entre outras coisas, houve danças curiosas como a dança das Hortelões, Dança das Colarejas, Dança das Pretas e a Dança dos Pescadores ⁽¹³⁾.

A cidade e a burguesia

Durante o século XVIII, os burgueses, comerciantes enriquecidos, progrediram muito. A sociedade burguesa era constituída por gente que tinha ganho influência à custa do seu trabalho sendo por isso, os seus gastos, os seus costumes e o seu modo de viver diferentes dos da nobreza antiga. Os burgueses tinham as casas decoradas com luxo, não faltando relógios de sala, espelhos, jarras de porcelana, etc. Gostavam de se reunir em clubes e em cafés, onde conviviavam uns com os outros.

Segundo testemunhos da época, o marquês de Pombal, no seu palácio de Oeiras, gostava muito de receber gente da alta burguesia constituída por grandes mercadores, ourives e outros, para assim mostrar que dava muito valor às pessoas que se empregavam a fazer aumentar o comércio e a indústria.

Esta classe trajava muito mais ricamente do que o povo. O trajo burguês era rico e vistoso. Aos domingos, os homens usavam uma pequena espada que era sinal de grande importância.

Até épocas muito próximas das nossas muitos foram os palácios estabelecidos em Lisboa e redondezas, e até em muitos pontos do País, onde viveram as famílias nobres. As construções eram de arquitectura sump-

tuosa, com muitas salas, muitas varandas, grandes escadarias enfeitadas de azulejos, pátios e cavalariças. O seu recheio em mobiliário, tapeçarias e cerâmica primava pela variedade e riqueza. As salas e os quartos ostentavam tectos de madeira, ricamente pintados.

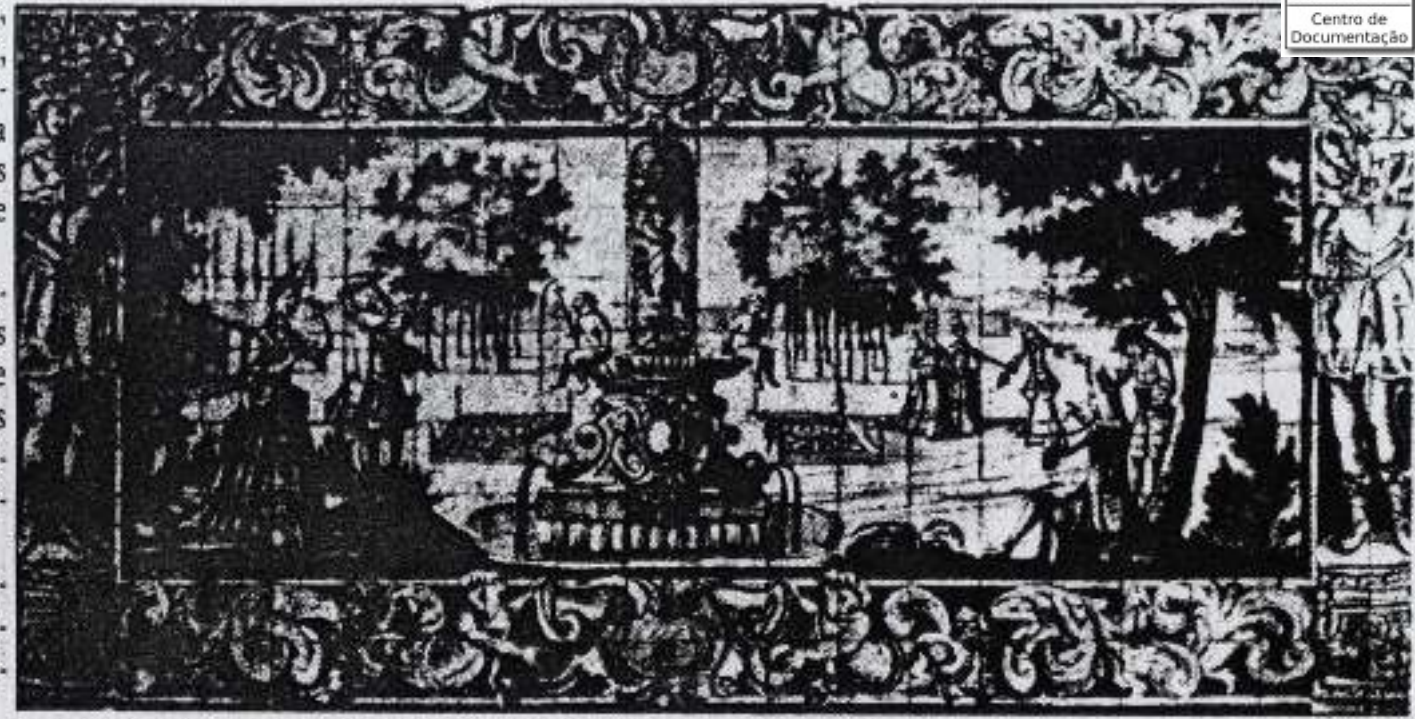
Ouçamos o «Arquivo Alfacinha»: «O Paço da Ribeira, era repleto de heróicos troféus das nossas campanhas na África, na Ásia e na América, desde as armaduras gloriosas aos tratados de vassalagem dos rajás de Calcutte e de Ormuz, escritos em folhas de ouro». ⁽¹⁴⁾.

Dos palácios desaparecidos podem citar-se os Paços da Alcáçova, da Casa de Bragança, de S. Bartolomeu, dos Estaus (ou da Inquisição) o da Ribeira, entre outros ⁽¹⁵⁾.

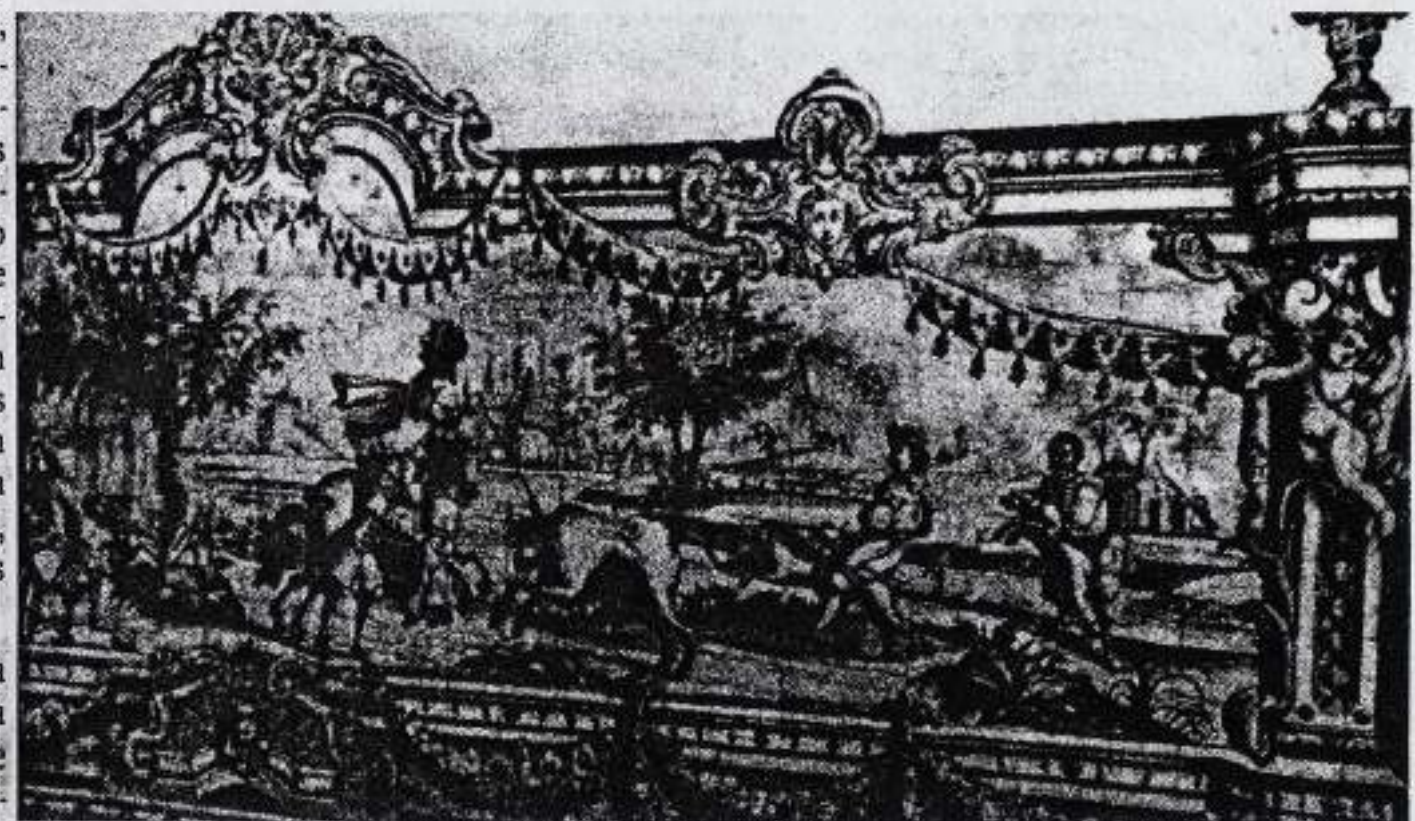
Um cronista conta o que viram dois estrangeiros que visitaram Lisboa na época, referindo-se ao Paço Real da Ribeira: «Nesse mesmo dia 18 de Maio, que era domingo, saíram a ver a cidade, residência dos reis de Portugal e capital do seu reino. Está edificada sobre sete montes e nas margens do Tejo, muito perto do mar. Tem arcebispo, e as casas são muito bem construídas. O palácio real é um edificio quadrangular, com quatro torres ornadas de balcões. Tem duas galerias e dois terraços de balaústres, com vistas aprasíveis, por ser construído à beira do rio. O Paço Real é de mediana grandeza, a escadaria é ampla e bela, e as antecâmaras estão sempre cheias de guardas» ⁽¹⁶⁾.

O mobiliário português, nesta época, era rico e diverso. Nos quartos de dormir havia em geral camas altas, com uma armação de cortinados de veludo ⁽¹⁷⁾. As mesas e cadeiras, bem como as papeleiras ⁽¹⁸⁾, contadores ⁽¹⁹⁾ escrevaninhas e canapés, eram feitos de madeiras ricas. As paredes ostentavam na maioria nas casas, valiosos panos bordados a ouro e em cima dos móveis usavam-se candelabros, tinteiros, areeiros, campaninhas, jarras, terrinas, caixas de laca e peças de marfim. Segundo um autor, «Lisboa era a cidade do mundo, com mais porcelanas e curiosidades da Índia».

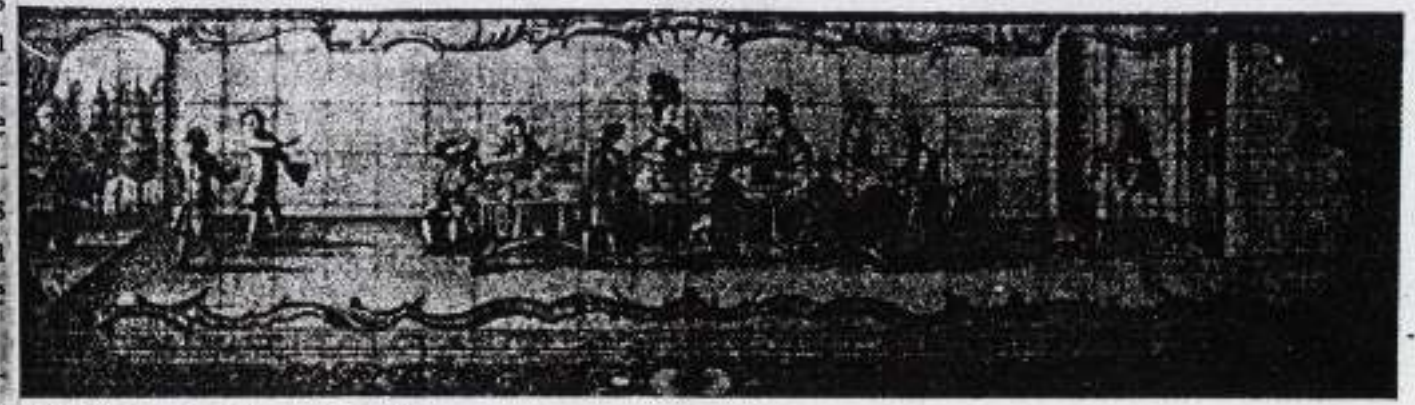
As refeições nas casas nobres compunham-se, em geral, de vários pratos. Nas grandes



Uma cena de ar livre. Azulejo do século XVIII. (Palácio do Marquês de Tancos)



O toureiro a cavalo. Azulejo do século XVIII. (Palácio do Correio-Mor) Loures



Atividade do garfo. Azulejo do século XVIII.

Iconografia setecentista

festas, chegavam a servir quarenta, e há notícia de, em banquetes reais, terem sido apresentados sessenta. A carne, bem como os doces e a fruta eram muito utilizados. Nas mesas havia terrinas preciosas, centros de prata para a fruta, copos de cristal, candelabros, compoteiras, etc.

Um viajante inglês de visita a Portugal, no século XVIII, relata uma merenda em casa do marquês de Penalva. «A refeição, que consistia em chocolate, doces, chá e excelente café, era servida em porcelana de Dresden, admiravelmente pintada. Nunca assisti a uma tão agradável refeição em Inglaterra. As toalhas e guardanapos eram lindíssimos e curiosamente bordados com armas e flores, em vermelho sobre fundo branco. Muitas salas com enormes morangos perfumavam a casa, de cujas janelas se via uma grande e tensão do Tejo».

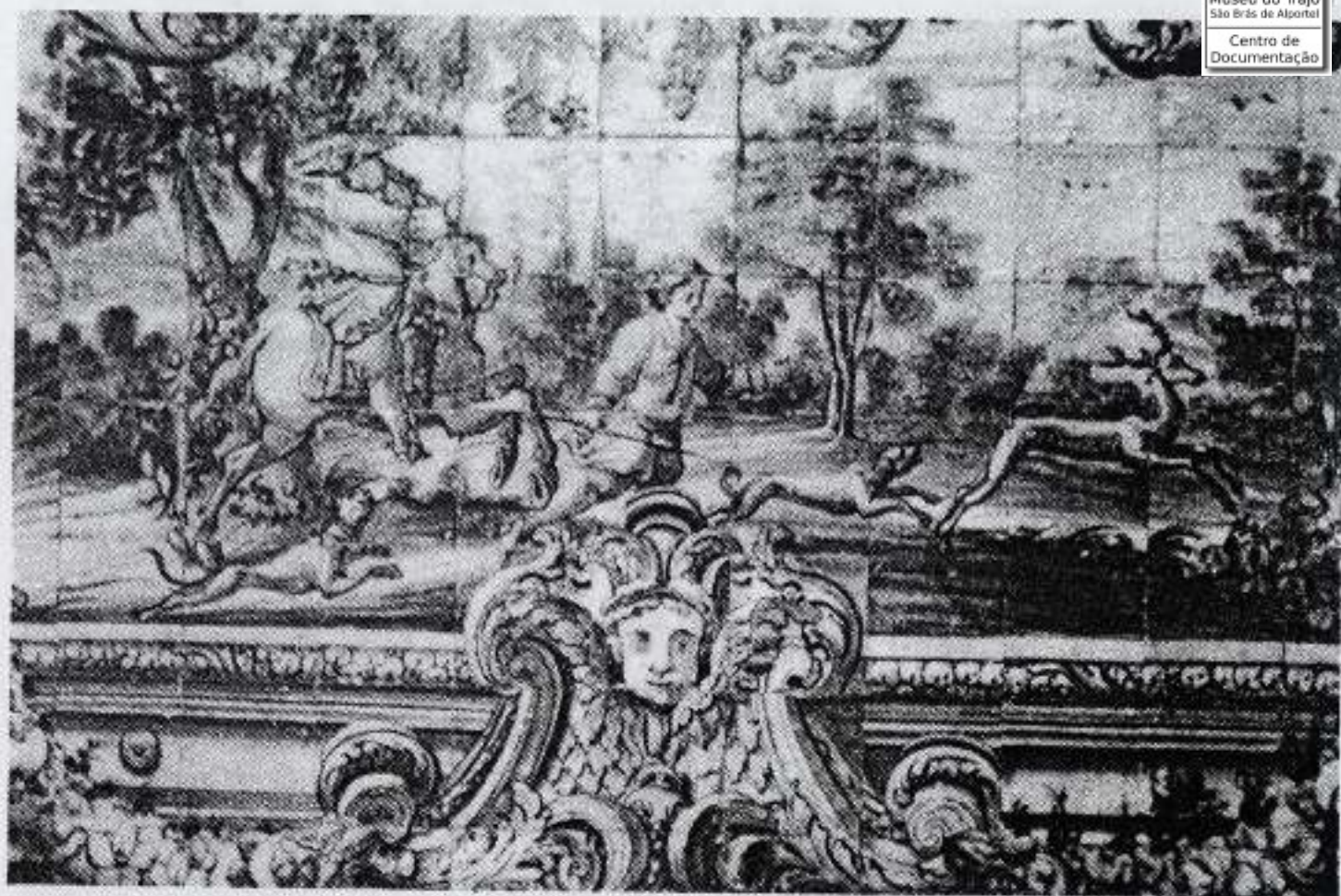
Os nobres do século XVIII trajavam luxuosamente. As senhoras usavam meias bordadas a fios de prata, sapato de veludo ou cetim, saiote comprido armado em balão, sobre arquinhos de arame ou junto, saia com enfeites de veludo, corpetes com grandes decotes, jóias no cabelo, no peito e nas barras das saias, sinais⁽²⁰⁾ de tafetá preto, no rosto. Os penteados eram muito complicados, como se pode ver por este trecho: «Os toucados eram complicados com tranças, rolos, carrapitos, postiços, popas por entre as quais brilhavam «vespas» de diamante; os cabeleiros eram tão procurados — sobretudo os franceses —, que só na véspera da procissão se conseguia obter-lhes serviço; por isso, muitas *casquilhas*, para não estragarem o engenhoso edifício, passavam a noite sentadas numa cadeira, acompanhadas de duas criadas prontas a ampará-las, se adormeciam ou cabeceavam. Para disfarçar a palidez da fadiga, usavam o vermelhão e alguns sinais». Os homens vestiam trajes de cetim, calções e uma espécie de casaca comprida, camisa muito enfeitada de rendas, sapatos de salto alto com fivela de prata, chapéu de três cantos, cabeleira muito empolada.

O leque era indispensável à data do século XVIII, ouçamos o que nos diz Suzanne

Chantal⁽²¹⁾: «Havia senhoras que possuíam verdadeiras colecções de leques de nácar, de conchas, de seda, de papel da China, de renda. Outras, mais modestas, contentavam-se com... «ventos do Norte» de papel pregueado que o vendedor de caramelos ou de hóstias doces oferecia com as suas guloseimas. Tudo isto palpitava no Sol e sombra, nas tribunas erigidas no Terreiro do Paço ou no Campo de Santana para as corridas de touros e até nas longas filas de penitência que seguiam o Santíssimo Sacramento... Servia também nas sortidas campestres a Sintra ou a Mafra, nos almoços à sombra dos canaviais, nos passeios de barco pelo Tejo ou pelos canais ornados de azulejos... em Queluz»(...).

Os fidalgos portugueses gostavam muito de touradas, de caça, de tudo quanto se referisse a gado. Por isso os palácios tinham sempre grandes cavaleriças onde se viam muitos cavalos. Só nas cavaleriças reais havia no tempo de D. João V, 350 urcos para os coches, 460 cavalos e muares para as seges, estufas e criados e 673 cavalos de estado⁽²²⁾. A arte de montar e de tourear desenvolveu-se muito nesta época.

Um trecho da época relata uma tourada real. «Suas Majestades Fidelíssimas, não obstante estarem no Real Palácio de Queluz (cujos magníficos jardins e agradáveis bosques fazem a sua habitação deliciosa pelo Verão), vieram pelas três horas e meia da tarde. A sua vinda se anunciou ao Povo com o acostumado fogo de artifício (...). Nesta tarde foram cavaleiros, José António Pereira e António Joaquim da Costa... o primeiro de seda cor-de-rosa, com bordaduras de prata e o segundo de seda azul-claro, igualmente bordado de prata... montados em formosos cavalos, ricamente ajaezados. Entraram na praça havendo nela já o touro e fizeram as cortesias costumadas com geral aplauso. Os touros desta tarde foram muito bravos, dando ocasião aos cavaleiros de exercitarem a arte de tourear muito bem, matando cada um deles um touro ao primeiro rojão, fazendo muitas sortes boas, acutilando alguns à espada sem que houvesse desgraça alguma. Morreram nesta tarde 32



Uma cena de caça. Azulejo do século XVIII. (Convento de S. Vicente de Fora). Lisboa



Nobres tocando e dançando nos jardins de um palácio. Azulejo do século XVIII. (Uma casa em Alfama). Lisboa

bois e foi geral o contentamento de todos os assistentes».

Merendava-se nos conventos, jogava-se nos salões à cabra-cega, às prendas, ao bilhar, diziam-se versos, dançava-se o «oitavado», o «mihuete» e outras danças, contava-se e ouvia-se o violino e o cravo.

Muito apreciado era também a ópera e a música. Diz Suzanne Chantal ⁽²³⁾: «D. José I, tão afeiçoado ao belo canto como rei, sem pai, mandou construir perto do seu palácio a Ópera do Tejo... Na plateia podiam sentar-se seiscentas pessoas... mas, sete meses depois, esta maravilha foi devorada por um incêndio, assim como o resto do palácio.

No Palácio da Ajuda, o rei mandou levantar um teatrinho cuja construção lhe mereceu mais cuidado que os seus próprios aposentos. O teatro era de madeira, com uma salinha pequena, mas com um palco que permitia as cavalgadas, tão do gosto daquela época. Havia também um teatro de ópera em Salvaterra e a primeira possuía uma sala de música em Queluz. A sua capela seria a primeira da Europa, «não podendo o próprio Papa gabar-se de ter um tão admirável conjunto de música».

Os transportes

«Vêem-se nas ruas mais liteiras do que seges. São magníficas assim como as cadeirinhas, que eles próprios conduzem; e, como esta cidade é alta e baixa e muito desigual, o serviço de cavalos e mulas é usado por muita gente» ⁽²⁴⁾.

Até ao terramoto de 1755, os veículos mais usados eram as carroças, pequenos trens aos quais se foram substituindo as seges de duas rodas que, mais tarde, tiveram grande voga. Todavia, os trens da muda, como as estufas, coches envidraçados, tendo interiormente dois assentos, os florões, paquebotes, carrocins e outras espécies de coches abundavam de tal sorte na circulação da cidade que o movimento das ruas se interrompia a miúdo.

Uma liteira que vinha, e um transeunte que parava ao meio da rua, cumprimentan-

do qualquer dama cuja cadeirinha lhe passava diante, era o suficiente para impedir o trânsito.

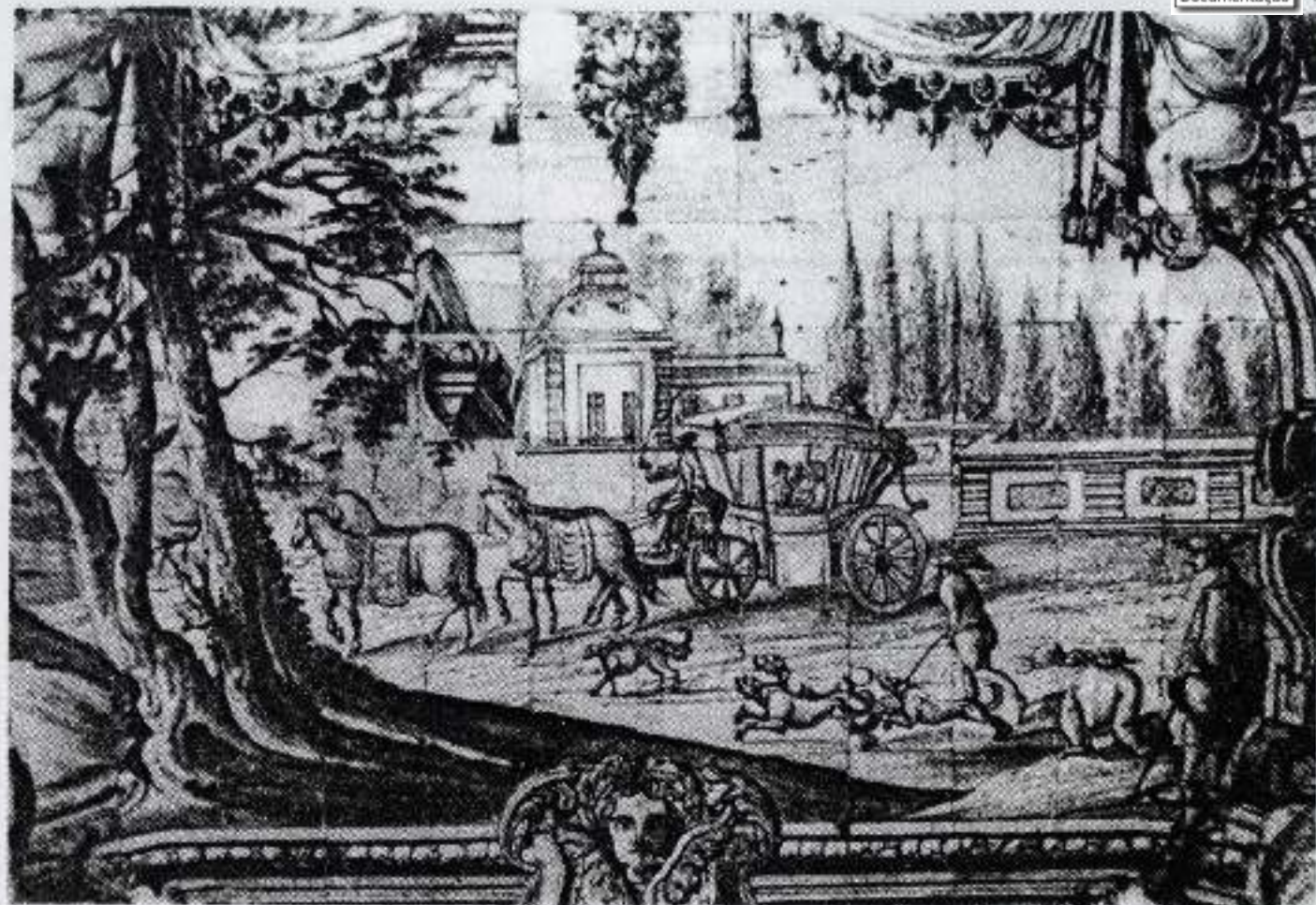
Os primeiros coches, cuja moda, diziam, ter vindo de Castela, eram desses; só alguns anos mais tarde apareceram os florões, espécie de pequenos coches castelhanos, uns de estribo, outros de portinhola e de cortinas em lugar de vidros.

Esses primeiros coches em poucos sitios podiam passar e em certas solenidades, dada a estreiteza das ruas, os acompanhamentos faziam-se a cavalo. Em verdade, o coche era uma carruagem pouco própria para percorrer ruas estreitas: bastante grande, assentado em quatro enormes rodas, tendo dentro assentos para quatro ou mais pessoas, era de ordinário tirado e acrescido número de animais: duas e mais parelhas. Era um enorme meio de transporte, complexo na sua estrutura, chegando em épocas faustosas a constituir obras-primas na arte da escultura em madeira.

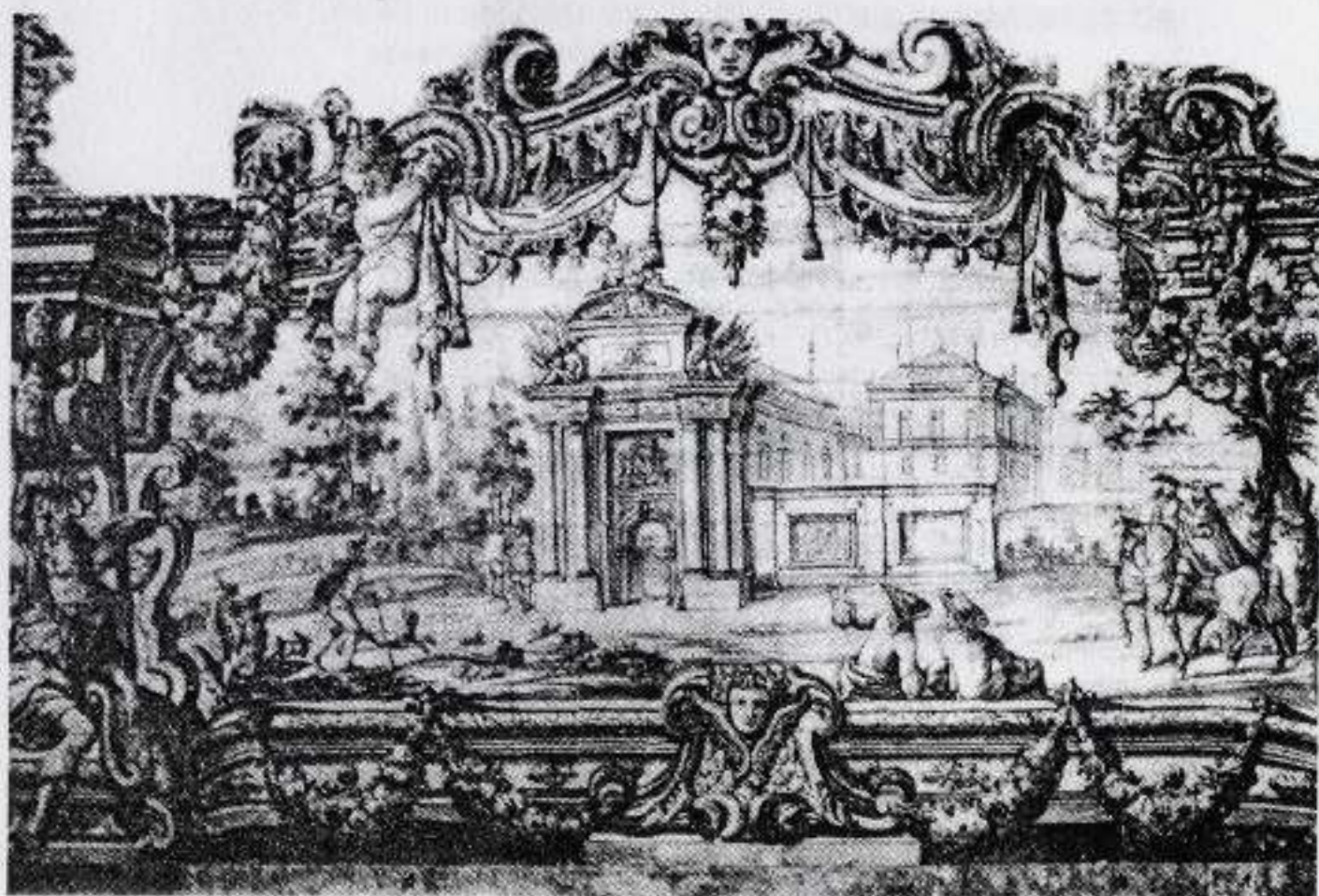
O jogo, o tejadilho, as maçanetas, as mísulas, os painéis das portinholas ou estribos, as cadeiras, o pezabrão, arquinha, lança, casquilho, boleia mestra, cravija, argolão e mil outras peças como as braçadeiras, tesouras, cabeçais, aldabão eixo, viga e as imensas rodas com as suas variadas partes: cubo, porcionaeiros, corrião d'alçar, cataplasma, mangotes, soleira, tapadoiro, etc., que eram peças essenciais de tão pesadas máquinas de transporte. Na sua feitura, mais ou menos artística e delicada, se esgotaram mil formas. O ouro, os relevos, as pinturas, as variadas decorações, com brocados e veludos de alto preço, tornavam-se esplendurosos e alacreantes no seu aspecto.

No nosso museu de arte ornamental bem se pode admirar alguns coches, especialmente o de D. João V, que constituem verdadeiras obras primorosas de requintada arte e alto valor material.

Desde o fim do século XVII, que se começaram a usar as chamadas calexes, já que foram citadas as outras variedades de veículos para transporte de pessoas, indicamos também a calexe o qual, segundo vários escritores, abundou muito no século XVIII.



Um coche utilizado no século XVIII. (Convento de S. Vicente de Fora). Lisboa



Aspecto de um palácio do século XVIII. (Convento de S. Vicente de Fora). Lisboa

Iconografia setecentista

Como este texto reflecte apenas uma síntese do que foi o quotidiano setecentista em azulejos, resumimos e omitimos muito material de pesquisa recolhido; este destina-se a um trabalho mais extenso, que pensamos divulgar se tivermos oportunidade.

Notas

- (1) Azulejos Datados.
- (2) Azulejaria nos Açores e na Madeira, J.M. dos Santos Simões, Lisboa, 1963.
- (3) Oito Séculos de Arte Portuguesa, Reynaldo dos Santos, vol. III, Lisboa, 1970.
- (4) O Marquês de Pombal o homem e a sua época, Mário Domingues, Ed. Romano Torres, Lisboa.
- (5) Ob. cit. em 4.
- (6) O Azulejo em Portugal, Reynaldo dos Santos, Lisboa.
- (7) Cadeira portátil, coberta e fechada, sustentada por dois varais compridos. Era muito utilizada pelos nobres, especialmente senhoras, que se faziam transportar pelos criados que seguravam os varais.
- (8) Carruagem antiga e rica, vulgarmente recheada de adornos e puxada por vários cavalos.
- (9) Pessoas enriquecidas pelo comércio, provenientes do povo e sem ilustração.
- (10) De um trecho de um autor.
- (11) Também chamado *toalha*.
- (12) Chapéu de três bicos.
- (13) Como curiosidade, retrata-se como eram as figuras das respectivas danças: *Dança das Horteloas* — Compunha-se de dezasseis mulheres vestidas de cetim verde e cor-de-rosa, tudo guarnecido de ouro e prata com pandeiros nas mãos, levando igualmente adiante, como divisa sua, dois grandes cestos com várias hortaliças (...); *Dança das Colarejas* — Assim lhes chamavam às vendedeiras de fruta, pela diversidade de frutos que vinham de Colares. Esta dança constava de dezasseis mulheres vestidas de cetim cor-de-rosa, com guarnições de palmas verdes e prata e toucados de flores. A frente levavam dois grandes cestos de fruta como insignia desta dança (...); *Dança das Pretas* — Compunha-se esta dança de vinte e cinco figuras distribuídas por vinte mulheres, uma que figurava de rainha e dezanove de dança, todas vestidas de vermelho e negro, fingindo meio corpo nu e a rainha acompanhada de quatro pretos vestidos todos de ne-

gro, figurando a nudez dos corpos, cobertos com penas de várias cores na cintura, braços e cabeça, levando nas mãos arcos e flechas (...); *Dança dos Pescadores* — Esta dança parecia ter saído de uma pescaria por uma choupana que se movia interiormente pela Praça na qual se viam as suas redes, que alguns vinham consertando. Compunha-se de vinte e quatro homens vestidos com uma camisola branca, calça da mesma cor, meias cor de carne, com uma pequena rede ao ombro de que pendiam peixes e com um remo na mão. Vinha procedida de seis músicos, com instrumentos e máscaras competentes.

- (14) Francisco Cância, vol. I, 1953.
- (15) *Em que se fala dos antigos paços reais*, Mário Costa, in boletim «Olisipo», n.º 100, 1962.
- (16) *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et Ailleurs. Par Monsieur M****, A Amsterdam, MDCC (tradução de Cardoso Martha).
- (17) Dava-se a estas camas da época o nome de dossel.
- (18) Móveis que serviam para guardar coisas e também escrever.
- (19) Móvel de estilo indo-português, com pequeninas gavetas, mais ou menos numerosas.
- (20) Máscas.
- (21) *A Vida Quotidiana em Portugal ao Tempo do Terramoto*, Suzanne Chantall, Lisboa.
- (22) Arquivo Alfacinha, Francisco Cância, vol. I, caderno XII, 1953.
- (23) Ob. cit. em 21.
- (24) Ob. cit. em 16.

Bibliografia consultada

- Oito Séculos de Arte Portuguesa, Reynaldo dos Santos, Lisboa, 1970.
- O Azulejo em Portugal, Reynaldo dos Santos, Lisboa.
- Azulejos Datados, Vergilio Correia.
- Azulejaria nos Açores e na Madeira, J.M. dos Santos Simões, Lisboa, 1963.
- Iconografia Olisiponense em Azulejos, J.M. dos Santos Simões, Lisboa.
- A Vida Quotidiana em Portugal ao tempo do Terramoto, Suzanne Chantall.
- O Marquês de Pombal o homem e a sua época, Mário Domingues, Lisboa, ed. Romano Torres.
- Arquivo Alfacinha, Francisco Cância, Lisboa, 1953.